

IMBROCHÁVEIS E ENRABÁVEIS**CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA****Chiwan Medeiros Leite**

[Bacharel em Comunicação Social]

Cada idioma tem seu charme próprio, suas nuances, suas diabruras... mas a língua portuguesa é imbatível na criatividade... Principalmente quando é falada por políticos, em especial os de caráter duvidoso. Sugestão aos enciclopedistas: precisamos urgentemente de uma memória escrita sobre essas riquezas linguísticas dos políticos brasileiros. E como sugeriria o saudoso Odorico Paraguaçu: *“enciclopedófilos não esqueçam que esta obra entrará para os anais e menstruais de Sucupira e do país.”* O criativo ministro Antonio Magri, do não-saudoso governo Collor, poderia abrir a suposta obra literária. Em uma visita ao veterinário, em carro oficial, para levar sua pet, Magri justificou: *“A cachorra é um ser humano, e eu não hesitei.”* O mesmo ministro popularizou a palavra imexível: *“O Fundo de Garantia para o trabalhador sempre foi imexível e continuará imexível.”* Bolsonaro talvez atualizasse a frase: *“O Fundo de Garantia é imbrochável.”* Já Odorico reagiria praferentemente: *“Vamos dar uma salva de palmas a estas figuras trepidantes e dinamitosas.”* O ministro Magri talvez relembresse de sua frase: *“Penso muito durante meus momentos de solidez.”* Momentos que devem ter sido frequentes após a defenestragem de seu chefe Fernando Collor, o mesmo que dizia que tinha nascido com *“aquilo roxo”*, para dizer que não tinha medo das manifestações contrárias a ele. Isso foi em 1991, num discurso em Juazeiro do Norte, ao lado do então governador do Ceará Ciro Gomes. Collor só esqueceu de explicar o que era *“aquilo roxo”*. Aquilo roxo pode ser um artefato biológico abaixo do aparelho de fazer pipi ou pode ser um artefato biológico de fazer cocô. Ambos estão situados na mesma linha abaixo da cintura, um na frente outro atrás. A dúvida persiste até hoje: roxo de nascença ou roxo de traumas continuados?

Valentias verbais eram, sim, de nascença. E, às vezes, acompanhadas de tiros, caso do pai do Collor - Arnon de Mello - que ao atirar num desafeto matou, dentro do Senado Federal, um senador que não tinha nada a ver com a controvérsia. Isso foi em 1963 e o assassinado por engano - José Kairala - estava acompanhado do filho, da mulher e da mãe que foram prestigiá-lo em seu último dia de mandato.

Naquela época, os imbrocháveis podiam entrar armados no parlamento brasileiro. Coisa que, provavelmente, deve ser da simpatia do imbrochável atual. Hoje é proibido, mas quem sabe será liberado com a eventual reeleição do imbrochável?

Odorico, sem revelar de que lado está, diria com sua sabedoria política: *“Vamos botar de lado os entretanto e partir logo pros finalmente.”* Atualmente, apesar do empobrecimento da língua portuguesa nas redes sociais, a criatividade não se esgota.

Os rs rs rs rs e KKKKs, selfies sem legenda, tiktoks com dancinhas ridículas averbais e outros destrambelhamentos modernos não impedem a pujança da língua (sem duplo sentido).

Muitos são os termos que, embora não sejam inéditos, ganham a chance de terem os seus dias de fama. Alguns compõem frases eternas de rara beleza. É o caso da frase desferida pelo deputado Zeca Dirceu ao famoso Posto Ipiranga, aquele que na loja de conveniência tem tudo menos justiça social, o impronunciável ministro Paulo Guedes ... rotulado com a mais precisa correção linguística: *“tigrão com os aposentados, agricultores e professores, e tchutchuca com a turma mais privilegiada do país e os amigos banqueiros.”* Obra-prima da língua portuguesa, a frase, ao ser desferida também, adaptada para o imbrochável, prova que deverá ir para os anais e menstruais da enciclopédia: *“tigrão com as mulheres e tchutchuca com homens...”* ou ainda *“tchutchuca do centrão.”* O centrão, como sabem, é o orifício alargado à direita que, de tão arrombado, chega ao centro (secretamente e com sigilo de 100 ânus). Antes que Odorico diga que *“isto deve ser obra da esquerda comunista, marronzista e badernenta...”* é importante assinalar, nas próprias palavras de Odorico que... *“isso me deixa bastante enristecido, com o coração afogado na deceptude e no desgosto. Numa hora em que eu procuro arrancar o azeite-de-dendê do estágio retaguardista do manufaturamento (...), me vêm com esse acusatório destabocado somente porque meia dúzia de baiacus apareceram mortos na praia.”* Mas, como nem tudo é perfeito... *“Nunca antes neste país”*, outra pérola da verborragia linguística, exagerada tantas vezes e inconsequente tantas outras, acompanha nossas desventuras... Por exemplo, fava foi uma palavra tornada célebre pelo eminente Jarbas Passarinho, ministro do “Trabalho e Previdência Social” (será?), durante a promulgação do Ato Institucional N° 5. O mesmo ato que destróçou a democracia no Brasil e jogou nas masmorras sujas das forças armadas jovens idealistas para serem torturados, estuprados, despedaçados e, enfim, mortos, para deixarem de sofrer nas mãos de covardes. Covardes, como Brillhante Ustra, o herói-ídolo do imbrochável. Fava é uma leguminosa, com caule ramoso com mais de um metro de altura, folhas grandes e formato elíptico, flores brancas ou rosáceas e vagens longas comestíveis variadas. Já *“às favas”*, no sentido jarbas-passarinholo é DANESE, FODA-SE e outras expressões impúblicáveis mesmo num espaço de discussão da língua portuguesa. Confira a fala do ministro que, por triste coincidência, tem o nome de passarinho: *“Às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência.”* E o momento era o da decisão entre a escrotidão humana e a dignidade humana. A língua portuguesa é inesgotável.

Por exemplo, a palavra enrabável é (aparentemente) desconhecida dos dicionários, embora todos saibamos do que se trata. Tudo indicaria que uma pessoa machista imbrochável jamais poderia ser uma pessoa enrabável.

Ledo engano ... a linguística aceita contradições.

É absolutamente possível que um imbrochável seja enrabável.

As dúvidas e contradições semânticas serão dirimidas pelo

TSE – Tribunal Superior Eleitoral.

■ ■ ■